

Bancos ficam mais flexíveis

por Paulo Totti
de Washington

O tortuoso caminho da negociação da dívida externa começou a ser amaciado ontem em Washington por um setor que, nos últimos anos, não se destacou propriamente por recomendar panos quentes para o tratamento da crônica inadimplência brasileira.

Quando o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, chegar para a reunião conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD), no próximo domingo, perceberá que alguns argumentos para convencer as instituições financeiras multilaterais e os governos dos países industrializados a ajudar o Brasil a adotar uma política de estabilidade econômica estão sendo utilizados também pelos bancos credores.

Ontem, o antigo subsecretário do Tesouro americano (1989/91), ex-diretor do Banco J. P. Morgan e ex-membro da diretoria do FMI, Charles Dallara, hoje diretor-geral do Institute of International Finance (IIF), a entidade que congrega 175 dos maiores bancos comerciais de todo o mundo, convocou entrevista coletiva no National Press Center de Washington para recomendar, entre outras coisas, "esforço adicional" e pragmatismo na abordagem do problema brasileiro.

É uma compreensão que necessita, segundo Dallara, de simultânea demonstração brasileira de vontade política para, de fato, adotar as necessárias providências com vistas à estabilidade macroeconômica.

Dallara leu carta que mandou ao ministro das Finanças da Bélgica, Philippe Maystadt, presidente do comitê interino do FMI, o máximo órgão deliberativo da entidade, com as sugestões do IIF para uma nova postura dos organismos internacionais para a década de 90. Ao comentar os progressos realizados nos últimos anos para reduzir os problemas internacionais da dívida externa, o IIF destaca que "é importante", ainda, equacionar a situação do Brasil, da Rússia, da Polônia, do Peru, do Equador e do Panamá.

(Continua na página 16)